

Título: Afinal, onde mora o lead? – O desafio do ensino do texto de jornal¹

Autoras: Cecília Toledo e Denise Tavares²

Palavras-chaves: Jornalismo, teoria e pesquisa; linguagens jornalísticas; teoria do jornalismo

Resumo: Este artigo, parte de um trabalho mais amplo que será publicado no próximo ano, discute a necessidade de se criar novas estratégias de ensino de texto no curso de Jornalismo. Fundamenta tal posição a partir de uma perspectiva, expressa claramente no caderno “Aliás”, de *O Estado de São Paulo*, mas que também está presente em outras matérias aqui destacadas do mesmo jornal, de que o texto jornalístico dos diários afasta-se, dia-a-dia, dos conceitos de lead e pirâmide invertida e se aproxima e se confunde com o chamado “texto de revista”. A questão central é diagnosticar esta tendência e a partir dela discutir propostas de ensino que contribuam para que o aluno compreenda e desenvolva sua produção.

Introdução

Leandro Marshall, em *O Jornalismo na era da Publicidade*, destaca a pesquisa do professor norte-americano Ted J. Smith III, da Universidade da Comunidade das Nações da Virgínia, que conclui que os jornalistas estão hoje muito aquém do que o público espera deles como profissionais da informação e como críticos sociais e políticos. Para chegar a esta conclusão, elenca quatro aspectos relacionados aos jornalistas, que podem ser resumidos em carência de conhecimento técnico; escasso rigor intelectual; ausência de reflexão e pressa na produção e, finalmente, excessivo foco nos efeitos, desprezando-se as causas dos fatos sociais. Estes aspectos, tem, para ele, um princípio fundamental:

O exercício cotidiano de empilhar o lead e a pirâmide invertida faz com que o jornalista perca a sensibilidade e a percepção para sutilezas e os meandros da realidade que envolvem a notícia e exercite mecânica e acriticamente uma tarefa tão vital para a sociedade.

O jornalista pós-moderno transformou-se numa máquina de produção, de informação, um operário com demandas estipuladas e prazos de entrega a cumprir... O jornalista da era pós-moderna anula o senso crítico e a capacidade de reflexão e permite-se o ato de submeter o lead e a pirâmide invertida à lógica de mercado”. (MARSHALL, L.: 2003, p.32).

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² *Cecília Toledo* é jornalista e professora na Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas há mais de vinte anos e atual Diretora da Faculdade. Foi repórter e editora nos jornais Diário do Povo e Correio Popular, de Campinas. Gerenciou, em nível Brasil a área de Comunicação da Cervejarias Kaiser. É mestre em Educação na área de Ensino Superior pela PUC-Campinas. *Denise Tavares* é jornalista, Mestre em Mídias pelo Instituto de Artes da Unicamp. É professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo, da PUC-Campinas, na linha Comunicação & Política

No Brasil, segundo Carlos Alberto Zanotti, citando Lins da Silva, o lead clássico foi introduzido através das agências de notícias-americanas, que o criaram para resolver um problema prático³. Em pouco tempo, o lead passou a ser referência para o jornalismo brasileiro, especialmente a partir da década 50, tornando-se, ainda hoje, um dos conceitos fundamentais da produção do texto jornalístico, marcadamente no jornalismo impresso diário. E, apesar de questionado por vários autores, sob diversos argumentos, como na citação acima, o lead continua presente nos manuais de redação dos principais jornais do país e, portanto, também está presente no ensino da produção da notícia, nos cursos de Jornalismo.

Na Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas o lead é trabalhado em praticamente todos os semestres do curso, com ênfase maior nas disciplinas Introdução ao Jornalismo Impresso (1º semestre), em Jornalismo Impresso (5º semestre) e, finalmente, em Jornalismo Especializado (7º semestre). Esta ênfase está sintonizada à concepção de currículo do Curso, cuja base assenta-se no jornalismo impresso, considerado parâmetro para as demais mídias, até mesmo quando é “reformatado” para adequar-se às especificidades de linguagem de cada veículo. Este quadro, vivenciado por alunos e professores, provoca algumas situações que serão aqui destacadas e que, de certa forma, motivaram este trabalho. Ou seja, sob a “ditadura do lead”, como falam alguns autores, a produção de texto dos graduandos tem se tornado um trabalho árduo, confuso muitas vezes quando, diante dos mesmos jornais diários que confirmam a importância do lead, convivem, lado a lado, textos que se encaixariam, facilmente, na concepção técnica dos “textos de revista”, tanto em seus aspectos estruturais como na linguagem utilizada.

Esta realidade tornou-se ainda mais evidente quando o jornal *O Estado de São Paulo* ampliou seu projeto editorial passando a publicar, a partir de outubro de 2004, o caderno ALIÁS, aos domingos, cujo logotipo inclui a frase “para entender a semana”. Repórter deste Caderno, Fred Mello Paiva, diz que o projeto foi idealizado por Flávio Pinheiro, diretor adjunto de *O Estado*, como tentativa de refletir a semana, tornando-se, assim *parente das revistas semanais*. Em função deste objetivo, os textos fogem do

³ O mesmo texto das agências era utilizado por milhares de jornais de todas as partes do mundo. Cada um deles fazia uma avaliação diferente da importância de cada notícia e do espaço que ela deveria ocupar. As agências precisaram criar a fórmula da pirâmide invertida para que cada jornal pudesse fazer os cortes necessários nos textos para adaptá-los às suas necessidades, sem perderem as informações fundamentais. Daí, a colocação dos dados em ordem decrescente de importância. O corte poderia ser feito ‘pelo pé’, numa operação rápida, sem perda de substância informativa. (SILVA, Lins, apud ZANOTTI, C.A. “O Paradoxo do lide: sedução e afastamento”. Revista de Estudos do Curso de Jornalismo PUC-Campinas, Ano 1, nº 1, outubro de 1998.)

formato da pirâmide invertida e do lead clássico. Mas não só por este motivo. O repórter considera que a formatação exigida na concepção hoje clássica do jornalismo diário, *enrijece o texto, tornando a leitura enfadonha e desmotivante*. No entanto, ressalta que, desprezar o lead e a pirâmide invertida não significa, por outro lado, retomar o chamado “nariz de cera”⁴.

Penso que o nariz de cera não deveria nunca ser usado em matéria. Procuo abrir meus textos com informação de rua e assim construo o personagem antes de chegar à notícia. O jornalismo literário tem me ajudado muito nos meus textos. Esta técnica talvez não desse certo no jornalismo diário. Eu brinco muito com o texto e quem me ajudou a inovar meu texto foi a formação em revista. Já passei pela Playboy, Veja, Isto É e Trip. E foi na última que eu aprendi mais porque o projeto gráfico arrojado exigia um texto diferenciado. (PAIVA, F.M. in entrevista às autoras).

O que este jornalista mineiro, com dez anos de profissão, vê de forma clara e tranqüila, é dificuldade e dúvida na sala de aula, particularmente para os formandos que, no 7º semestre, além do Jornalismo Especializado, cursam as disciplinas Jornalismo Literário e Edição e Produção Editorial. Ou seja, convivem, simultaneamente, com três focos diferenciados de textos, cada qual procurando enfatizar e demarcar fronteiras, especificando características de mídia, de veículo e periodicidade. Das três disciplinas citadas, o Jornalismo Literário se descola, parcialmente, deste quadro, por também trabalhar o livro-reportagem. Mas, em “Edição” e “Especializado”, a produção de textos assenta-se nos jornais e revistas impressos e, nestes momentos, vêm à tona as dificuldades destes alunos na construção de suas matérias.

II. Realidade do ensino x realidade do mercado

Entre os maiores impasses que os alunos vivem diante da tela do computador, quando já levantaram as informações que precisavam para escrever, estão dilemas como se devem seguir a pirâmide invertida e o lead clássico ou recuperar, no próprio repertório e nos contextos relacionados às informações que têm, o material necessário para iniciar o texto. Paralisados, cheios de dúvidas, não conseguem, ao final, optar por um outro, criando matérias sem foco, muitas vezes desestruturadas, com opiniões genéricas, apoiadas no senso comum e, pior, não conseguem entender “o que o professor quer”. Parte deste comportamento vem da supervalorização do lead nas

⁴ Nariz de cera: forma tradicional de introduzir uma notícia, reportagem, etc. O nariz de cera vigorava na linguagem jornalística antes do surgimento do lead. Consistia num preâmbulo, muitas vezes desnecessário, longo e vago. (RABAÇA, C.A. & BARBOSA, G.G. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001).

disciplinas introdutórias que são pautadas pelo jornalismo diário e, também, pelos produtos laboratoriais impressos do curso que, por condições de produção são, quase todos, mensais. Estes fatores devem ser somados ao baixo repertório cultural dos alunos, perfil de boa parte da geração atual de estudantes, principalmente dos que estão nas cidades médias como Campinas/SP. Nestes locais, como se sabe, não há muitas alternativas de formação extra-universidade, como acontece nos grandes centros Rio/SP.

Diagnosticar esta realidade interna de um curso de jornalismo, no entanto, não exclui a necessidade de um outro olhar dirigido ao que está ocorrendo nos jornais impressos diários. A confusão presente entre os alunos, resultado, em boa parte, do quadro descrito anteriormente, pode ser, de certa forma, espelhada na grande imprensa, sob outro viés, claro. A ditadura do lead, aqui, é vista sob outra perspectiva. Em vez de “travar” tem, cada vez mais, acionado uma alternativa que recupera, de algum modo, o texto jornalístico banido desde a acolhida ávida do lead. Como bem disse Marshall

...a própria técnica funcionalista, herdeira do positivismo, que impõe a produção do lead e da pirâmide invertida de maneira direta, objetiva e, absolutamente, imparcial, acaba estruturando um modelo de newsmaking radicalmente diferente do processo de produção jornalística clássica. Agora, o modo de produção não tem impressões digitais. O autor, a testemunha do fato, o narrador, isto é o jornalista, deve ficar o mais distante possível da informação. (MARSHALL, L.: 2003, p.34).

O que aponta Marshall foi percebido por *O Estado*? Além do citado caderno semanal “Aliás”, em outras editoriais, que não o Caderno C – este, com regras próprias que aqui não serão discutidas – emerge, em várias matérias, o abre que não segue nem a pirâmide invertida nem o lead clássico. Alguns exemplos valem uma reflexão, como a reportagem de capa do caderno Cidades, intitulada “Perigo: jovens bebendo”:

Meia-noite de sexta-feira, 13 de maio. A Rua Teodoro Sampaio ferve na altura da Praça Benedito Calixto, em Pinheiros. De pé na calçada, jovens fazem “o esquentar” para “entrar no grau” e na boate Mood, do outro lado da rua. Bebem uísque no gargalo da garrafa que passa de mão em mão, pinga a R\$ 1,00 na barraquinha de cachorro-quente e “brejas” a não mais poder. Os chegados se servem da vodca com Sprite que Roberto, o Beto Louco, oferece. “E aí, bonita, quer uma dose?” (CIDADES, 22/05/05)

A repórter Rosa Bastos constrói a reportagem a partir da observação do ambiente notívago que rodeia os personagens, que são identificados, tanto no abre como

no texto, sem o sobrenome, ao contrário do que dita o Manual de Redação e Estilo do próprio *O Estado*⁵. A manutenção do caráter anônimo das fontes justifica-se pela intenção da repórter em narrar a história de jovens e adolescentes que encontram no alcoolismo uma nova forma de diversão. Outro exemplo que ilustra a opção do jornal em excluir do texto a pirâmide invertida pode ser observado também no chamado Primeiro Caderno:

Vanessa tem 9 anos e a agenda cheia

Os lenços de cabelo coloridos foram os companheiros de Vanessa Barro Canal quando o lado visível de sua luta contra a leucemia veio à tona. Aos 9 anos, ela é exemplo de uma menina vaidosa. No entanto, as conseqüências do tratamento contra a doença a deixaram com vergonha de freqüentar a escola. (Primeiro Caderno, 12/06/05)

Essa forma de abertura mais criativa que substitui o lead, cada vez mais presente nas reportagens de *O Estado*, talvez seja um dos principais diferenciadores das reportagens do jornal, que busca, dessa maneira, impulsionar a narrativa valendo-se da humanização dos relatos dos personagens. Dessa forma, os textos do jornal que seguem esta tendência têm características semelhantes ao texto das revistas, particularmente das de informação geral. No entanto, a exclusão do lead não significa, necessariamente, o retorno ao lendário ‘nariz de cera’, como lembra Vilas Boas:

Uma história bem contada sem o lead deve ter começo, meio e fim. E se puder ser cortada é porque está mal escrita. O lead, ao contrário, existe para que a matéria resista a um corte no pé, sem prejuízo do texto. Neste aspecto, o texto da revista informativa geral requer planejamento e talento. Uma espécie de conciliação entre arte e técnica. De cara, você precisa pegar o leitor, conduzi-lo ao longo da narrativa e oferecer-lhe uma sensação satisfatória. O leitor precisa, no mínimo, terminar de ler o texto com uma suave sensação de que chegou a algum lugar (BOAS, V.S.: 1996, p. 45)

A editoria de Economia, do mesmo jornal, também introduziu em suas reportagens especiais, particularmente de domingo, aberturas que não conduzem o texto sob estrutura da pirâmide invertida, como a reportagem de Renée Pereira:

⁵ Nomes próprios. 1 – Adote normalmente, no noticiário, a forma pela qual a pessoa se tornou conhecida e não seu nome completo, à exceção de casos excepcionais (biografias, necrológios, etc... 2 – Grafia. Lembre-se: o nome da pessoa é uma informação que você presta ao leitor. Por isso, tome com ele o mesmo cuidado atribuído à apuração da notícia. Confira sempre prenome e sobrenome e escreva o nome da forma pela qual a pessoa foi registrada, com **y**, dois **nn**, dois **ll**, dois **tt**, **z**, **ph**, etc.

Porto de Santos, moderno e obsoleto

No maior porto da América Latina. Os contrastes saltam aos olhos. Já na chegada a Santos, o cenário exuberante visto da serra é esquecido rapidamente pelo caótico trânsito de caminhões, cegonheiras, trens e carros de passeio. As diferenças ficam mais visíveis dentro do terminal, onde a alta tecnologia convive lado a lado com máquinas e equipamentos obsoletos, mão-de-obra sem qualificação e construções antigas e degradadas. (Economia, 12/06/05)

A história é apresentada ao leitor a partir de uma abertura que procura exercer um fascínio no leitor, por meio da descrição adjetivada do local, para que prossiga na leitura. Para tal, a repórter mergulha no jornalismo investigativo, pois, como lembra a repórter Mônica Teixeira⁶:

A reportagem continua absolutamente no centro da produção jornalística. Nada se faz em jornalismo que não passe pela atividade de buscar a notícia, seja onde o acontecimento estiver... Não há reportagem se não houver investigação, mas há investigações que não são reportagens. Contudo, a reportagem repleta de investigação tem pouco espaço e tempo na mídia. Não porque esteja relacionada com a falta de profissionalismo, por parte do repórter, ou porque os veículos de comunicação não saibam o que é uma informação bem apurada, bem arrumada, bem estruturada. É porque a produção das notícias alcançou uma necessidade de divulgar a informação segundos depois que acontece o fato. E isso acaba fragilizando o trabalho do repórter, devido à superficialidade com que ele tem que tratar a notícia. A rapidez acaba fazendo com que escapem das mãos do jornalista certos fundamentos básicos e tradicionais no exercício da atividade. (LOPES e PROENÇA: 2003, p;170)

Fragilidade do texto, superficialidade da abordagem. As críticas são recorrentes e contribuem para colocar em evidência os diagnósticos de autores que creditam, à distância do lead, a força do texto jornalístico. São autores que, como Sérgio Vilas Boas, preconizam o que classificam de “abre atraente” como substituto do tradicional lead, demarcando estas e outras escolhas, relacionadas ao texto de revista, como um dos principais diferenciadores necessário à valorização do texto do jornal diário:

Tenha sempre em mente que a abertura – e por que não dizer, o lead – precisa exercer um poder de atração sobre seu leitor. As informações principais, assim

⁶ Mônica Teixeira, jornalista há 29 anos, tem grande experiência na área televisiva. Foi entrevistada por Francisco Redondo Periago para o livro *Jornalismo Investigativo*, organizado por Dirceu Fernandes Lopes e José Luiz Proença. A obra foi editada pela Publisher Brasil, em 2003.

como o fato que originou a matéria, não têm, necessariamente, de vir nas primeiras linhas. O interesse do leitor tem de ser “capturado”. (BOAS, S.V: 1996, P.45)

Escrito em 1996, o livro de Vilas Boas, portanto, parece antecipar a tendência assumida sem maiores problemas pelo caderno “Aliás”, de *O Estado* que, como vimos, parece se espalhar, mais e mais, por todo o jornal. Estas características de texto que normalmente identificam o discurso jornalístico nas reportagens do caderno citado podem ser enumeradas destacando-se a narrativa flexível, adjetivações ou advérbios, geralmente não recomendáveis pelos manuais de redação jornalística. Um exemplo para ilustrar o que está sendo colocado é a abertura abaixo, extraída da reportagem de Fred Melo Paiva, cujo personagem principal é um andarilho politizado, de 97 anos:

Seu Luiz, caminhador radical

Está na hora da marcha à ré. No espaço aberto em frente ao estádio Mane Garrincha, em Brasília, 12 mil pessoas preparam-se para fazer o caminho de volta. Parecem agora soldados de uma guerra que acabou. Estão sujos e desorganizados. Uns poucos estão bêbados e têm a carcaça craniana flambadas pelo sol. Outros já estão de ressaca – e deixam-se jogados sobre as várias montanhas de bagagem. São sacos plásticos de 100 litros, malas sem alça, bolsas sem zíper, caixas de papelão. Todo o mundo é portador de uma pequena mochila preta com o distintivo deste bravo exército vermelho, embora brancaleônico a essa altura do campeonato. No ginásio que fica ao lado do mane Garrincha, seus generais promovem uma assembléia, como de costume e nas mais variadas circunstâncias – bobou, assembléia. Fazem balanços, reivindicam, cobram posturas, assinam documentos, prospectam, fazem discursos, votam. Planejam novas assembléias. Aqui fora, isso aí não tem nada a ver. O que pega mesmo é um baião de dois que está fervilhando na chapa. O cheiro da carne vai invadindo as tendas onde a choldra desmobilizada já está de relha em pé. No meio da barraca em que se aglomeram as pessoas vindas de São Paulo, um senhor permanece impassível ao burburinho olfativo. É Luiz Beltrame de Castro, o ancião caminhador. Seu Luiz não come mais baião de dois porque não tem mais dente. (Aliás, 22/05/05)

A ressalva que se pode fazer neste momento, no entanto, é que o modelo de texto jornalístico apresentado pelo caderno *Aliás* não é a prática do jornalismo diário, particularmente da área impressa. Submetidos à pressão do tempo e do conceito de informação gerado pela era pós-moderna, os jornalistas e, particularmente os repórteres, são obrigados, muitas vezes a render-se *aos desejos do patrão, do mercado e do capitalismo*. Como lembra Marshall:

O discurso da objetividade, da imparcialidade e da neutralidade informativa está hoje relegado apenas ao discurso mercadológico das empresas e aos manuais funcionalistas... Outra causa do processo de corrosão universal da

informação está no fato de que a mídia mundial adotou como modelo-padrão a técnica da pirâmide invertida na produção de notícias. Essa fórmula acaba valorizando sempre o diferente, o estranho, o anormal e o negativo, destacando e ampliando assim focos isolados e minoritários de uma realidade complexa... O que importa, segundo a lógica da pirâmide invertida, é exaltar fatos que façam o leitor comprar e ler o jornal.

Por ser uma fórmula “matemática” e “tecnicista”, a pirâmide invertida engessa a realidade, construindo uma visão distorcida, fragmentada, protética, artificial, imaginária e ilusória. Faz isso espetacularizando e manipulando fatos que acabam provocando a banalização de dramas e mazelas e desviando a atenção de problemas graves de uma comunidade. Em vez de desnudar os fatos, a pirâmide invertida acaba aprisionando a informação dentro da camisa-de-força em que se transforma a notícia. O lead serve, assim, muito mais para esconder do que para revelar (MARSHALL, 2003, pág. 39/40)

Esta posição de Marshall não encontraria eco há poucos anos, mesmo em autores que se debruçaram sobre o lead, apontando seus paradoxos, como fez Zanotti, já citado. Completando seu artigo, escrito em 1998, em que destaca vantagens e contradições da estratégia da pirâmide invertida e do abre clássico no jornal diário, ele credita ao lide a possibilidade real de prender o leitor motivando-o à leitura de todo o corpo da matéria. Seu principal argumento, afinado com a própria história da construção do jornalismo enquanto um recorte profissional específico, apontava tanto o lide como o uso da pirâmide invertida como conceitos e ferramentas certos que separaram o jornalismo da literatura e à construção de uma técnica⁷.

Se este autor teve razão no momento em que escreveu o texto, o fato é que a realidade hoje questiona a fórmula que já recebeu seus merecidos louros mas que hoje apresenta-se como questionável. Isto porque novas formas de “consumo imediato” surgiram para o leitor. Desta vez, as alternativas mais presentes são, ao que parece, o jornalismo *on line* e a sua proposta de jornalismo em “tempo real” e mesmo os boletins de rádio e TV. Um exemplo desta mudança segundo o jornalista Roberto Godoy⁸ vem da França onde uma pesquisa, feita recentemente, revelou que parte da perda dos leitores deu-se pelo advento da mídia eletrônica e pela avaliação de que os jornais estavam “chatos e velhos” pelo excesso de hard news e de reportagens clássicas (pirâmide invertida). Os jornais, então, iniciaram um grande processo de reformulação, reduzindo os espaços econômicos e financeiros e transformando este tipo de matéria em reportagens de interesses do público leitor.

⁷ Op. Cit., pág. 19

⁸ Palestra proferida na PUC-Campinas em 07 de junho de 2005.

III. Conclusão

O hard news eletrônico é imbatível. Ninguém compra jornal para ler notícia, disse Roberto Godoy⁹. Esta mudança provocada pelas inovações tecnológicas, com certeza contribuíram, e muito, para o que ocorre hoje no jornal diário, aqui exemplificado por *O Estado de São Paulo*. Tal constatação, já disseminada razoavelmente, ainda não se reflete de forma clara, na metodologia de ensino do texto impresso. Na bibliografia existente sobre este tema, a base do lead continua e o que se tem, de alguma forma, são revisões de paradigmas, como o que propõe Cremilda Medina, citada por Patrícia Ceolin Nascimento¹⁰. Em que pese o esforço intelectual destes autores e de outros, o fato é que se o diagnóstico está cada vez mais consistente, inclusive pelas mudanças assumidas pelos diários, por outro lado não é fácil encontrar obras que coloquem, com vigor e clareza, esta perspectiva, quando o que se busca trazer ao aluno são referenciais claros quanto ao “como” escrever no jornal diário.

Estas ausências têm, de certa forma, contribuído para que o estudante de jornalismo não encontre eco para suas dúvidas. Acostumado à fórmula do lead, sente-se perdido quando se depara com indicações que considera vagas, tais como definir um roteiro, pensar na angulação, no tom, etc, antes de escrever um texto. Crê que tais alternativas indicam, imediatamente, recorrer ao “nariz de cera”, tão justamente abominado. E, quando se depara com matérias no jornal diário, que não estão publicadas nos suplementos ou cadernos especiais e, mesmo assim, não seguem a regra a que estão tão acostumados – o lead e a pirâmide invertida - questiona e questiona-se, reconhecendo-se incompetente para realizar o que considera ser solicitação do docente e do mercado atual.

É claro que a generalização aqui significa focar a média e ignorar as exceções. Mas o que este texto considera essencial é reconhecer que o processo de formação do jornalista deve estar, sim, sintonizado às alterações ocorridas no mercado de trabalho, mas, não só. Talvez seja hora de dar um passo além e compreender que a posição à reboque do mercado não é exatamente uma posição confortável para o ensino de jornalismo. Assim, espaços como este Congresso, de discussão e também de partilha, significam para as autoras deste texto a real possibilidade de uma efetiva abertura de

⁹ Palestra já citada anteriormente.

¹⁰ O livro *Jornalismo em revistas no Brasil – um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete* originou-se da dissertação de mestrado de Patrícia Ceolin Nascimento, defendida em 1999 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tendo como orientadora a dr^a. Jeanne Marie Machado de Freitas.

perspectiva para se enfrentar os impasses e desafios aqui rapidamente localizados. Assim, entre os caminhos experimentados diante do que nos foi colocado, quase que cotidianamente pelos alunos, destacamos:

- A mudança que ocorre nos jornais diários, ampliando a produção de textos que não recorrem ao lead clássico, devem ser enfrentada com clareza, em sintonia com autores que questionam o que consideram fórmula que merece ser discutida e, até, evitado, mas que ainda não sistematizaram alternativas que criem parâmetros para além da subjetividade ou de metodologias que se apóiam nos conceitos sem que se fique claro os processos que permitiram a formatação destes mesmos conceitos.
- Este enfrentamento significa recuperar a mobilidade da produção textual do jornalismo ao longo de sua própria história, criando elos com a realidade cultural e social do momento, em que estão evidentes, por exemplo, novos formatos de produção jornalística, como jornalismo *on line* e outras estratégias do jornalismo eletrônico que, por sua vez, acabam modificando a produção textual nas outras mídias.
- Outra estratégia importante é reforçar no currículo o peso das disciplinas que contribuam, efetivamente, para uma formação embasada no repertório humanístico, além da paulatina revisão das metodologias assumidas pelas chamadas “disciplinas técnicas”.
- Estimular a leitura constante, não só de livros didáticos e técnicos, mas também de obras que formam a base da cultura e arte, como, por exemplo, a produção ficcional.
- Repensar as estratégias laboratoriais, de maneira que a produção dos alunos seja constante e, também, avaliada, discutida e analisada em sala de aula.
- Repensar a profissão já que as interfaces da comunicação, mediadas pelo aparato tecnológico, estão cada vez mais presentes no cotidiano do jornalismo.
- Por último, valorizar a produção de texto encarando o aprendizado clássico do lead e da pirâmide invertida como passível de questionamento. Além disso, não permitir que este tratamento de texto se torne “a fórmula” que traduz a identificação da matéria jornalística. Ao contrário, problematizar o uso do lead, localizar os textos que a ele recorrem, contextualizar e, principalmente questionar fundamentos considerados, ainda, como únicas e

verdadeiras balizas da produção jornalística, tais como objetividade, neutralidade, caráter exclusivamente informativo, etc.

É claro que o que está destacado acima também são propostas que ressentem-se de um contorno pontual além de não poderem ser vistas como “novidades”. Por exemplo, Ricardo Norblat, ao discutir como se escreve em um jornal diário, assume como intertítulo um *Esqueçam. Não há receita*. E, depois de recorrer ao que todos sabem, mas que nem sempre é tão fácil de ser assumido, encerra este capítulo do seu livro, assim:

Por último, uma sacada do colega Bem Bradlee, ex-editor chefe do Washington Post: “Escrever é habilidade adquirida”. Ou seja: não é dom. É habilidade que se adquire como qualquer outra.

Como adquiri-la? Lendo muito. E sempre. Lendo tudo – de bons a maus livros, de prosa a poesia, de receita de bolo a bula de remédio. Leiam o que lhes reforce as convicções. E não deixem de ler tudo que as contrarie. Porque se forem pessoas de crenças inabaláveis e de rígidas posições diante da vida, dificilmente serão bons jornalistas.(NORBLAT, R.: 2003, p.82).

No entanto, estas colocações significam, neste momento, reverberações de um ponto-chave que apresenta-se muito próximo do limite de estrangulamento. O fato é que não se pode mais conviver com um discurso, constante em boa parte dos alunos dos cursos de jornalismo (e, também, de outras profissões), que credita ao mercado sua real formação, desconsiderando e desqualificando o aprendizado vivenciado na Universidade. Muito do que é colocado neste sentido, acreditamos, deve-se a um descompasso entre a agilidade com que ocorrem mudanças no mercado em contraponto à relativa lentidão do que acontece nos cursos de jornalismo. É exatamente pela possibilidade de antecipar (e, neste sentido, negar) esta lógica que, temos convicção, precisamos estar sensíveis às alterações e aos discursos dos colegas mantidos no mercado, ao mesmo tempo que nos questionamos quanto aos “buracos” de formação que os alunos apresentam quando ingressam na faculdade uma realidade que, já há anos, nos confrontamos. Tal diagnóstico, preciso, não tem sido suficiente para alterar um processo que desemboca nesta difícil experiência de nos postarmos diante dos alunos que estão a um semestre de terminar o curso e que ainda vivem a produção do texto de forma tão dolorida e difícil de realizar.

Assim, recolhendo já em diversos autores – outro bom trabalho nesta linha é de Carlos Peixoto, que no texto “Seis Propostas para o próximo jornalismo”, resgata a

necessidade de se discutir o que chama de jornalismo de conhecimento. Este conceito, eu ele mesmo destaca ser muito amplo, foca a urgência, entre outras, do jornalismo incorporar como norma e não mais como meta a descoberta do ser e do estar no mundo. Tal mudança, assenta-se, mais uma vez, na negação das atuais (ainda) camisas-de-força tanto do lead como dos projetos gráficos-editoriais adotados em série e, também, com grande destaque do autor, à necessidade de *dar ao texto jornalístico a mesma atenção que à narrativa literária deixando para os meios de comunicação eletrônicos a tarefa limitante da reprodução mecânica da realidade*. (PEIXOTO, Carlos: 2002, p.128).

Ou seja, como um processo circular, volta-se hoje, aparentemente, ao início do jornalismo. Os desdobramentos destes questionamentos e impasses, é claro, ainda exigem de nós, jornalistas e professores, um projeto sistemático e consistente que considere os dois continentes em que, de certa forma, vivemos. Pé lá e cá – universidade e mercado – muitas vezes vivenciamos os impasses dos alunos, buscamos alternativas pontuais, recolhemos e discutimos obras e autores em busca de caminhos que nem sempre já estão delimitados. De qualquer forma, trazer à tona tais dificuldades, significou, neste instante, reconhecer que a urgência de mudanças maiores, especialmente às relacionadas aos conceitos e fundamentos que, afinal, balizam esta profissão, são mais prementes do que podem parecer à primeira vista. Neste sentido, o micro, como se diz, revela o macro. Assumir como “grande” algo que, de repente, conformou-se pontualmente ou localmente, significa traduzir impasses que batem sorrateiramente, muitas vezes, em cotidianos tumultuados e apressados mas, nem por isso, menos importantes ou dilacerantes. E isto pode ser visto, honestamente, como testemunhos.

Referências Bibliográficas:

BOAS, Sérgio Vilas. *O Estilo Magazine – O Texto em Revista*. 2ª ed. São Paulo: Summus editorial, 1996.

COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa – Um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 2002.

GALENO, Alex e CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo e Literatura – A Sedução da Palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

LOPES, Dirceu Fernandes e PROENÇA, José Luiz. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MARSHALL, Leandro. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARTINS, Eduardo (org.) *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: OESP, 1997.

- NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RABAÇA, C.A. & BARBOSA, G.G. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ZANOTTI, Carlos Alberto. “O Paradoxo do lide: sedução e afastamento”. *Revista de Estudos do Curso de Jornalismo PUC-Campinas*, Ano 1, nº 1, outubro de 1998.)